Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Silvestre, Cristiano António Lopes, 1988-

A ruina enquanto elemento arquitetónico de valor

http://hdl.handle.net/11067/8162
https://doi.org/10.34628/JA1M-2B10

Metadados

Data de Publicação 2018

Resumo A sociedade, cada vez mais centrada no presente e na experiência instantânea do tempo, confronta-se com uma assimetria entre os ciclos de construção e degradação, e uma vertiginosa destruição das matrizes identitárias. Perante esta conjuntura, o presente ensaio reflectiu sobre o valor da ruína no âmbito da prática arquitectónica contemporânea, enquanto matéria do passado, passível de fruição e transformação. No seguimento deste propósito, foram considerados três valores personificados pela ruína...

Society, increasingly focused on the present and the instantaneous experience of time, is confronted with an asymmetry between the cycles of construction and degradation, and a vertiginous destruction of the identity matrices. Given this situation, this essay reflected on the value of ruin in contemporary architectural practice as a matter of the past, which can be enjoyed and transformed. Following this purpose, three values personified by the ruin were considered; the aesthetic value, the memo...

Tipo bookPart

Editora Universidade Lusíada Editora

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-31T22:20:28Z com informação proveniente do Repositório

A RUÍNA ENQUANTO ELEMENTO ARQUITECTÓNICO DE VALOR

Resumo: A sociedade, cada vez mais centrada no presente e na experiência instantânea do tempo, confronta-se com uma assimetria entre os ciclos de construção e degradação, e uma vertiginosa destruição das matrizes identitárias. Perante esta conjuntura, o presente ensaio reflectiu sobre o valor da ruína no âmbito da prática arquitectónica contemporânea, enquanto matéria do passado, passível de fruição e transformação. No seguimento deste propósito, foram considerados três valores personificados pela ruína; o valor estético, o valor da memória e o valor disciplinar.

Abstract: Society, increasingly focused on the present and the instantaneous experience of time, is confronted with an asymmetry between the cycles of construction and degradation, and a vertiginous destruction of the identity matrices. Given this situation, this essay reflected on the value of ruin in contemporary architectural practice as a matter of the past, which can be enjoyed and transformed. Following this purpose, three values personified by the ruin were considered; the aesthetic value, the memory value and the disciplinary value

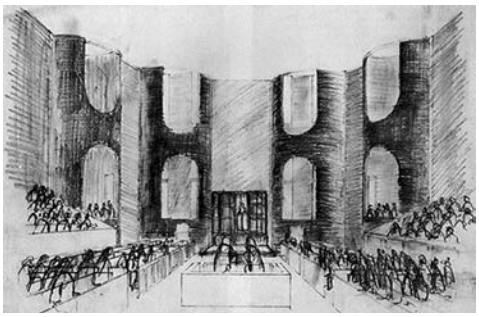
Valor estético

Os conceitos estéticos associados à ruína, foram sofrendo mutações ao longo do tempo, de acordo com os contextos históricos e culturais em que estavam inseridos. Durante o Renascimento a ruína fora utilizada como elemento simbólico, testemunho do conhecimento e do esplendor do mundo antigo. Na arquitectura, artistas como L. Battista Alberti e Filippo Brunelleshi, adoptaram os modelos formais da arte clássica incorporados pelas ruínas do antigo Império Romano, abandonando as referências medievais, prevalecentes até à data. A análise e a reinterpretação dos arquétipos da Antiguidade, fizeram com que o legado das ruínas clássicas se repercutisse no Clássico e no Maneirismo, assim como nos Movimentos artísticos seguintes.

O enquadramento sociocultural da Europa Ocidental, a partir da segunda metade do século XVIII, propiciou a difusão dos ideais românticos e o consequente apogeu das ruínas como referência estética. A descoberta de Pompeia e Herculano promoveu a sistematização da arqueologia, e a instabilidade causada pela Revolução Francesa e pelas Guerras Napoleónicas, contaminou o campo social e artístico. As ruínas eram a metáfora perfeita do clima de incerteza e mudança que se vivia. A sua dimensão poética e melancólica, integrava as novas correntes estéticas do sublime e do pitoresco. Francisco Goya, Edmund Burke e Immanuel Kant, através dos conceitos de sublimidade centrados no exacerbar da emoção, denunciavam as falências do Iluminismo e do Racionalismo. G. Battista Piranesi fazia uso das suas gravuras, que combinavam um mundo fantasioso com ruínas da época, para criticar e subverter os cânones da razão e do poder. Paralelamente, a estética do Pitoresco pretendia expressar a desordem, a assimetria e a imperfeição sintetizadas pela Natureza. Difundia-se essencialmente através do paisagismo inglês e da pintura romântica, onde os fragmentos dos edifícios da Idade Média e as ruínas encenadas eram tema central. No século XVIII e XIX, a ruína converteu-se num emblema e a sua relevância era transversal a todos os domínios da arte na Europa. Artistas como Denis Diderot, François-René de Chateaubriand, Hubert Robert, Giovanni Pannini, C. David Friedrich, John Soane, entre muitos outros, tornaram a ruína matéria elementar na sua obra.

Na primeira metade do século XX, Albert Speer pretendera utilizar o valor alegórico das ruínas, para manifestar a imponência da arquitectura do Terceiro Reich. As suas obras eram projectadas de forma a integrar o desgaste causado pela passagem do tempo, na tentativa de perpetuar o legado nazi. Speer denunciou o rápido envelhecimento dos materiais modernos. Segundo o seu entendimento, a ruína da modernidade era artificial, fugaz e genérica.

Tal como outrora, as ruínas de hoje reflectem as debilidades da sociedade. A efemeridade dos materiais e a aceleração dos ciclos de destruição, desproveram as ruínas do seu carácter estético e simbólico.



Valor da memória

A ruína enquanto síntese dos valores antagónicos de natureza e de cultura, assume um papel de relevo na esfera dos novos discursos de memória e identidade.

De acordo com o pensamento lírico, a ruína arquitectónica sumariza o resultado da confrontação entre a vontade do espírito humano e as forças exercidas pela Natureza. Temporariamente, existe uma relação de equilíbrio entre o pensamento racional do arquitecto e a acção exercida pela força da gravidade e da matéria, até que inevitavelmente, o domínio da Natureza se manifesta sobre a criação humana. A partir desse momento dá-se a simbiose entre a obra de arte da Natureza e do Homem. Este fenómeno, através da patina e do desgaste dos materiais, legitima o valor da antiguidade e a experiência do tempo puro, inalterado e ininterrupto.

É pelo seu testemunho face aos homens, pelo agradável contraste que opõem ao carácter transitório de todas as coisas, pela força com a qual, no decurso de estações e de épocas, do declínio e da nascença de dinastias, assim como das mudanças ocorridas sobre a face da terra, estas paredes […] ligam entre elas as idades esquecidas e as seguintes e instituem em parte a identidade das nações. (Ruskin, 2015, p. 161)

Por sua vez, e em oposição ao valor da antiguidade, o valor histórico associado à ruína pretende ressalvar a obra humana como referência cultural e identitária. Refuta as marcas causadas pela acção da Natureza, tendo em vista a conservação da autenticidade histórica. A ruína é compreendia como: matéria física do passado, que monumentaliza factos históricos, diferentes padrões de vida, e acontecimentos singulares, preponderantes na consolidação dos valores da memória colectiva; facto urbano, elemento fundamental na compreensão da história e dos significados que sustentam a génese das formas urbanas.

Actualmente, assistimos a uma constante mutação dos elementos referenciais de espaço tempo, por meio das novas noções de velocidade, tecnologia e de media, o que se repercute nas dinâmicas construtoras de memória e de identidade.

A velocidade de transmissão e a abundância de informação, influenciam a capacidade de assimilação da memória. A fugacidade e a multiplicidade de estímulos, resultam na ineficácia de retenção da informação. Os media, que desempenham um papel importante na difusão dos traços ideológicos e identitários da sociedade, utilizam um conceito de divulgação de imagem pouco fiável, que devido à pluralidade interpretativa, conduz frequentemente à construção de falsas idealizações. A tecnologia progride vertiginosamente no sentido aposto à forma tradicional de reconhecimento do mundo real. As cidades são o retrato metafórico das sociedades.

Estes factores reproduzem a inutilidade da memória, e centralizam o conceito de tempo instantâneo em detrimento do conceito de tempo real, o que posteriormente tem um tremendo impacto na destruição das identidades sociais e culturais, e na concepção de não lugares.

Dado o panorama, depreendeu-se que o valor da antiguidade e o valor histórico, inerentes à ruína, comportam em si vertentes essenciais na preservação e construção das identidades sociais, culturais e arquitectónicas. As ruínas, na qualidade de elemento fixo de referenciação de espaço/tempo, promovem a experiência temporal extensiva e a assimilação dos valores simbólicos, aspectos centrais no processo de sedimentação cultural. Transformam-se em espaços físicos de articulação entre as estruturas do passado remoto e o modelo actual de identificação superficial. Operam como ponte de transição que suporta a transformação identitária, de forma contínua e sustentada, anulando pressupostos genéricos e práticas radicais de ruptura.

[…] o passado é sinónimo de antiguidade, ou seja, de proximidade com uma comunidade em que a tecnologia e arte, cultura e natureza se equilibram. A ruína antiga contém este sentido de equilíbrio. […] o passado é continuidade. Tal como ele, também a ruína nos fala de um processo de criação cumulativa do qual descendemos e somos herdeiros, o que transmite segurança pessoal e social. […] o finalismo do passado, está também contido no fragmento que é a ruína. Ela é um sinal de estabilidade, de obra acabada, que nos enche de confiança perante a incompreensão e a desordem do presente. […] o passado é uma sequência, um traço de união entre dois momentos temporais, um aspecto que somos incapazes de atribuir ao presente. Por isso a ruína nos conforta porquanto nos ajuda a ordenar e a tornar entendível esse passado. (Fortuna, 1995)

Valor disciplinar

Ao longo dos séculos, as ruínas revelaram-se um instrumento de análise do arquitecto, comportando em si uma dimensão disciplinar e operativa.

A ruína, através do estudo da sua herança técnica, da referenciação histórica, e da manipulação dos seus fragmentos, alterou de forma definitiva o pensamento e a prática da arquitectura. A conceptualização do passado por meio das ruínas, tornou-se o ponto de partida para a fundamentação do discurso arquitectónico. A matriz construtiva, exibida pelos modelos clássicos, fora sucessivamente interpretada e reformulada. Ao colocar em evidência problemas transversais da arquitectura, mediante cronologias distintas, a ruína teve um papel fundamental na constante reinvenção dos cânones formais e construtivos.

O arquitecto ao explorar as ruínas, não pressupõe a cópia dos modelos do passado, mas sim, a descodificação e reinterpretação dos processos arquitectónicos que estão na sua origem, tendo em vista a fundamentação da sua obra. Os desenhos das ruínas são um instrumento preponderante no exercício da arquitectura, estimulam a imaginação e revelam as intenções projetuais do autor. Cada desenho é diferenciado, reflecte a leitura particular do arquitecto, a sua percepção, o seu intelecto e o seu imaginário.

A praxis de Louis Kahn, e de Manuel e Francisco Aires Mateus, são exemplos de conceitos espaciais consubstanciados pelas propriedades da ruína. A narrativa de kahn reproduziu tectónicas pesadas, volumes monumentais, estruturas robustas e formas simétricas, que manifestaram as reminiscências do mundo clássico. Na arquitectura de Aires Mateus, temáticas como a relação entre o espaço vazio e a massa, a subtracção de matéria e a utilização de cúpulas, fazem referência ao legado formal das ruínas romanas. As analogias à ruína são transversais a várias matérias da arquitectura como; a volumetria, o tratamento da luz, a organização espacial, a materialidade e o sistema construtivo.

Sí, nos interessa investigar sobre construir el espacio de la ruína, la libertad de la ruína, el aspecto esencial de algo que se ha dejado en las manos del tiempo, el incompleto que puede ser completado por la imaginación. Mentalmente cada uno reconstruye su espacio ideal a partir de la imagem de una ruína. Supone un ejercicio de completar lo existente, de encontrar la utilización del arquetipo que evoca una memoria. La ruína siempre es más fuerte, su potencialidad está incompleta, y eso la hace infinita. Nos gusta, como hemos dicho, dejar la arquitectura como possibilidad, inacabada, para que el futuro la vaya ocupando. (Mateus, 2016, p. 28)

A sociedade, progressivamente arbitrária, confunde conceitos de globalização e de aculturação. O sentido genérico tornou-se uma matriz, por meio de uma noção de tempo inabitável, que revoga os referenciais de espaço e de cultura.

Dentro destes parâmetros, a dimensão física e fenomenológica da ruína, que ocupara um lugar central no decorrer da história, continua a revelar-se elementar nos fundamentos da arquitectura e da sociedade hodiernas.

Bibliografia

FORTUNA, Carlos (1995) - Por entre as ruínas da cidade : o património e a memória na construção das identidades sociais. Oficina do CES. [Em linha]61. [Consult. 14 jun. 2017]. Disponível em WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10316/10961>.

JOUANNAIS, Jean-Yves (2017) - El uso de las ruinas : Retratos obsidionales [Em linha]. Barcelona : Acantilado. [Consult. 12 jul. 2017]. Disponível em WWW:<URL:http://www.acantilado.es/wp-content/uploads/el-uso-de-las-ruinas-extracto.pdf>.

LOPES, Diogo Seixas (2016) - Melancolia e arquitectura : em Aldo Rossi. Lisboa : Orfeu Negro.

LOURO, Margarida (2016) - Memória da cidade destruída : Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo. Casal de Cambra : Caleidoscópio.

MATEUS, Francisco E Manuel Aires - Una Consersación con Manuel y Francisco Aires Mateus. El Croquis. 186 (2016) 10–33.

RIEGL, Alois (2016) - O culto moderno dos monumentos : E outros ensaios estéticos. Lisboa : Edições 70.

SANTOS, Cecília Rodrigues Dos; ZEIN, Ruth Verde (2011) - Rápidas considerações sobre a preservação das ruínas da modernidade. Arquitextos. [Em linha] 12:135 (2011). [Consult. 2 out. 2017]. Disponível em WWW:<URL:http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.135/3997>.

SCULLY, Vincent (2013) - Louis I. Khan and the Ruins of Rome. Engineering and Science. [Em linha]. 56:2 (1993) 2–13. Disponível em WWW:<URL: http://calteches.library.caltech.edu/621/2/Scully.pdf>.

SIMMEL, Georg (1958) - Two Essays the Handle, And the Ruin. Hudson Review [Em linha]. 113 (1958) 371–385. [Consult. 2 ago. 2017]. Disponível em WWW:<URL: https://documents.tips/documents/georg-simmel-two-essays-the-handle-and-the-ruin.html>.

USTÁRROZ, Alberto (1997) - La lección de la ruinas. Barcelona : Fundación Caja de Arquitectos.